



Pensando com Ailton Krenak ideias para adiar o fim do mundo.

Sandro Adrián Baraldi

Li recentemente o livro de Ailton Krenak “Ideias para adiar o fim do mundo” e percebi que deveria tê-lo lido antes.

Vou começar elencando as ideias principais e depois desenvolverei cada uma delas. A ideia que mais me persuadiu foi a de que não devemos abandonar nossos anseios mesmo que aconteça o inevitável “fim do mundo”. Com isso em mente, descartar conscientemente o que nos atrapalha, pois se vamos cair, vamos “despencar em paraquedas coloridos”, de maneira que viver a vida que ainda temos seja prazerosa. Segue a esta, a ideia de que o cosmos é uma coisa só, um todo interligado. Embora pareça simples, essa ideia desafia o dualismo idealista, base para o maniqueísmo e para toda e qualquer versão de supremacia. Por fim, valer-se dos sonhos como orientações para reconhecer nossos mais profundos anseios, não aqueles anseios comuns que são criados pela mídia e pelo Capitalismo.

Uma curiosidade que talvez traga outros pensamentos questionadores para o nosso modo de viver ocidentalizado: os krenaks são matriarcais sendo que as indígenas idosas são as líderes da comunidade. O cacique é uma espécie de diplomata, ele fala e troca ideias com os que não pertencem à comunidade krenak. Ele se reporta ao Conselho de Anciãs, as avós, que trocam ideias com os avós, os homens idosos são conselheiros, e só então decidem. Qualquer um pode conversar com as avós que participam ativamente da manutenção da comunidade, quero dizer, não vivem segregadas como se fossem santas intocadas, são as avós de todos e aconselham quem quiser ser aconselhado para qualquer evento que tenham em mente.

Ailton começa tratando do lugar em que estamos, o cenário ao nosso redor, no qual a narrativa eurocêntrica, capitalista, acontece; o ambiente psíquico que formata nossas ações e desejos.

Diz Ailton que é um lugar de “não-pertencimento” provocado, intencional, que nos aliena da natureza, o cosmos que nos constitui de maneira incondicional. A natureza é uma só, e tudo tem alma. As montanhas têm alma, os rios têm alma, as florestas têm alma. Ao contrário do que parece, ao contrário do que nos ensinaram, que isso é mito e coisa de povos ignorantes e selvagens, essa é uma eficiente estratégia comunitária. Se tudo têm alma, alma como aquele motor que mantém as coisas vivas, ou seja, o conjunto de processos mecânicos, elétricos e químicos que condiciona a vida, tudo o que tem alma merece e deve ser respeitado, as montanhas, os rios, os seres não-humanos e os humanos, tudo o que se modifica, enfim. Não só os humanos, como se tudo fosse recurso para o nosso próprio bem. Agindo desta forma que o Ailton propõe, não estaríamos em maus lençóis em relação ao clima, à extinção de espécies, ao envenenamento do planeta. Essa estratégia “animista” faria com que pensássemos duas vezes antes de derrubar uma árvore.

A “abstração civilizatória” eurocêntrica, idealista, capitalista, “machocêntrica”, “feminicista”, que nega a pluralidade, a diversidade e a tudo homogeneiza e classifica, sempre de maneira dualista, supremacista, maniqueísta, elitista, racista, etc., gerou uma “humanidade zumbi” que não tem prazeres, que não tem coragem, obediente e que, com a narrativa de fim de mundo próximo, aliena e abafa os estímulos humanos. Sim, **o fim de mundo é uma estratégia para parar de lutar**. Incita à conformidade e ao atalho. Tudo tem que ser rápido porque o fim está próximo, intensifica a ganância e a incoerência. Neste viés cognitivo, as “bet” – apostas – são uma solução adequada: dinheiro fácil, dinheiro rápido, para viver os poucos segundos que ainda restam; construir uma carreira não importa mais, ser empreendedor é mais razoável porque o dinheiro, em teoria, entra em grande quantidade; não se pensa mais em aposentadoria já que não haverá futuro. Esse é o pensamento torcido que transforma o sujeito em zumbi, um morto-vivo que trabalha incansavelmente até o esgotamento, que não percebe as manobras políticas que retiram seus direitos e destroem o nosso planeta.

A “humanidade zumbi” me fez lembrar o que disse Achille Mbembe em “Crítica da razão negra” sobre o “dever-negro do mundo”. Nos alerta ele sobre a “*universalização negra*”: todos, independente da cor, do *status*, da competência, serão tratados como foram os negros escravizados. Sem direitos, sem prazeres, sem desejos. O homem se tornou coisa, o “homem-código”, o “homem-máquina”, o “homem-fluxo”, nômades de mercado, uma humanidade que é supérflua ao funcionamento do capital. Estamos cada vez mais sendo tratados como seres humanos inúteis que atrapalham os capitalistas. O mundo é dinheiro e ele está concentrado em menos de 500 pessoas no planeta. As guerras são racionalizadas segundo o custo. Não mais pela quantidade de mortos e feridos, mas pelas despesas da guerra e dos lucros que estas proporcionam para alguns poucos. De que serve preparar um soldado para a batalha se ele vai encontrar robôs-soldados, drones-caçadores

automáticos, mísseis balísticos com supervelocidades e longuíssimos alcances. As guerras corpo a corpo, com fuzis e espadas vão desaparecer logo. Vemos em tempo real quanto cai ou sobe a bolsa de valores enquanto os mísseis atingem postos de combate, matam gente, destroem realizações humanas, mas só importa quanto as ações se valorizaram. Percebe, caro leitor? Se retirarmos os humanos destes cenários, não faz diferença alguma. Alguns ricos já querem sair do planeta para não terem que conviver com a gente.

Então, para desfazer o “mundo-zumbi” projetado pelos ricos para nós, Ailton sugere recuperar a função do sonho como orientador da vida. Levar à público o sonho que tem significado para ser discutido em comunidade. O sonho seria um criador de ideias para novas narrativas comuns.

Para Freud¹, o sonho é o acesso ao inconsciente, um ambiente caótico com desejos e pulsões. Para Lacan o inconsciente é um repositório de significados e significações. Para mim, ambas as definições de inconsciente servem porque nos sonhos “vivenciamos” psiquicamente narrativas que se organizam criativamente. Vamos dormir com um problema, que pode ser pessoal ou social. Geralmente sonhamos com o que nos aflige e algumas vezes surgem inusitadas e possíveis soluções nos sonhos mesmo. Repare, leitor, que tudo isso acontece “internamente”, “dentro da nossa cabeça”, algo que é chamado, às vezes, de imaginação. Só que como diferenciar o que está “dentro” do que está “fora”? O fato é que o “fora” e o “dentro” são uma coisa só em relação dialética. A estratégia para tornar o sonho socialmente funcional seria utilizá-lo para adaptar a narrativa social, que é a ideologia dominante, de forma a solucionar problemas comunitários. Então, o sonho de alguém, qualquer um, comunicado socialmente e discutido, e implementado, pode servir para alterar a vida.

Queremos mudar esta vida? Ou só queremos choramingar sem mudar nada? Está boa a vida assim? O que queremos para nossos descendentes afinal? Diz Ailton que “O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno”. Por que acreditar que não dá para mudar nada?

Mas se desejamos mudar o jeito de viver temos que nos livrar do patriarcado. Em todas “as culturas mais antigas, a referência é de uma provedora maternal – diz Ailton. Não tem nada a ver com a imagem masculina ou do pai. Todas as vezes que a imagem do pai rompe nessa paisagem é sempre para depredar, detonar e dominar”. Este mundo foi projetado no passado. Um passado idealizado sempre violento, com líderes autoritários, valorosos, guerreiros destemidos e imbatíveis. A ordem e o progresso vêm da força, do temor. O que acabou isolando os povos em comunidades

¹ Conteí com a ajuda da IA DeepSeek para esta diferenciação

que se entendem como inimigas, sempre com medo uns dos outros. Hobbes² tornou famosa a frase “o homem é o lobo do homem” defendendo a ideia de que em estado de natureza somos todos inimigos e que portanto, uma força maior – para ele, o Estado, o Leviatã – serviria para controlar essa natureza incontida e ignorante. Sempre a lógica da violência, agora regida por um contrato social. E se a mentalidade dominante fosse de cuidado e atenção às diversas necessidades das pessoas? Um ambiente “maternal” que privilegia a compreensão em vez da matança. As “matanças” de humanos, de não-humanos, de montanhas e florestas vistas como recursos, só nos deixam mais empobrecidos de experiências e de histórias. Quantos “Einsteins”, madames “Curies”, “Fanons”, “Mbembes”, “Lélias Gonzalez”, “Rios Doces” etc. foram “mortos” nessas matanças porque nem tiveram chance? Quanto perdemos com isso para que meia dúzia continue a nos explorar?

E como podemos, afinal, controlar essas matanças que estão cada vez com maior intensidade? Oras, controlando o que faz a “ciência”. Temos que parar de nos iludir com a ciência, pois ela está voltada quase que exclusivamente para a tecnicização da vida cuja única função é a perpetuação do *status quo*, a continuação do giro da roda de hamster. A ciência, em grande parte, é cúmplice na reprodução da experiência da perda da liberdade, justamente ela, que deveria servir para abrir outros horizontes e acenar para outros mundos, no sentido prazeroso: “Gozar sem nenhum objetivo. Mamar sem medo, sem culpa, sem nenhum objetivo”.

Devemos parar de ter medo e encarar a realidade como ela é, sem choramingar, focados em mudá-la para um mundo mais prazeroso. Fabricar “milhares de paraquedas coloridos” para cairmos com prazer. Investir em uma vida mais plena de experiências, diferentes e divertidas, para viver com gosto.

Se o cosmos projeta uma queda, vamos despencar em paraquedas coloridos. E Ailton se pergunta: “De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho”.

Bibliografia:

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Editora Schwarcz S. A. Edição Kindle. São Paulo, SP, 2019.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. N-1 edições, São Paulo, SP, 2018.

² Pesquisa pela IA DeepSeek

Autor:

Sandro Adrián Baraldi

Doutor e Mestre em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação e Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

*Editor Chefe da **Revista Cactácea** <https://rgt.ifsp.edu.br/ojs/index.php/revistacactacea/index>.*

*Pesquisador do grupo de pesquisa **Mandacaru: educação e filosofia***

<https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/657508>.

*Pesquisador do **GRUPEFE- Grupo de Pesquisa e Estudo em Filosofia da Educação***

<https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/33966> .

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6246489151782898>.